



DA LEITURA DAS PALAVRAS À LEITURA DE MUNDO: O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dra. Marcia Rosa Neu¹

Universidade do Sul de Santa Catarina²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade discutir os resultados da pesquisa sobre o ensino de Geografia realizado nas escolas públicas de Tubarão, campos de Estágio e parceiras na formação de professores, principalmente dos anos iniciais do ensino fundamental da Universidade do Sul de Santa Catarina. A coleta de dados foi realizada por estudantes do curso de Pedagogia que entrevistaram um total de 22 pedagogos ou profissionais que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. As concepções de ensino de geografia, tradicional e crítica são discutidas a partir dos resultados. A análise remonta ao papel fundamental da ciência geográfica no processo de alfabetização e letramento e a prática contraditória dos currículos escolares.

Palavras-chaves: Geografia escolar; Concepção de ensino de geografia; Alfabetização e letramento.

READING THE WORDS OF READING WORLD: TEACHING GEOGRAPHY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

ABSTRACT

This article aims to discuss the results of research on the teaching of geography in public schools performed Tubarão, camps Training and partners in teacher training, especially the early years of elementary school at the University of Southern Santa Catarina. The search was performed by students of the Faculty of Education who interviewed 22 educators. The conceptions of teaching geography, traditional and critical, are discussed from the results. The analysis goes back to fundamental role of science in the process of geographic alphabetization and literacy and contradictory practice of school curricula.

Keywords: Geography school; Conception geography; Alphabetization and literacy.

1. INTRODUÇÃO

¹ Professora Doutora em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: <marcia.neu@unisul.br>. Endereço: Universidade do Sul de Santa Catarina - Avenida José Acácio Moreira, 787, Bairro Dehon, Caixa Postal 370, CEP 88704-900, Tubarão, SC.

² Acadêmicas do 6º semestre do curso de Pedagogia envolvidas na coleta de dados: Amanda M. Lourenço, Amanda M. de Souza, Ana Carla Figueiredo, Ana Paula F. Lemos, Camila Wesling, Carla B. Pereira, Carla M. Roussenq, Carolina Castoldi, Daniele L. Neto, Edina A. Steffen, Emanoela M. da Silva, Francini da S. Ricardo, Gabriela R. Gonçalves, Heloíza F. de Oliveira, Jéssica de C. Dutra, Karla C. Ávila, Karoline S. Cândido, Larissa L. de Araujo, Lidiane L. da Silva, Mariana P. Rodrigues, Natália P. Antunes e Sabrina da S. Beluco.



A ciência geográfica tem relação direta com história. Heródoto, considerado um dos progenitores das duas ciências, fazia relatos da civilização Grega, iniciando pela localização, seguido das atividades econômicas e da análise histórica. Da origem que se conhece destas ciências relatadas pelas antigas descrições gregas até a sistematização da ciência geográfica passaram-se alguns séculos.

Por necessidade de conhecer novas terras e dominar novas áreas para exploração mercantilista que a Alemanha tornou-se o berço da moderna ciência geográfica. Inicialmente surgiu nas Universidades e logo após nas escolas, sendo utilizada para reproduzir os ideais de uma nova organização social. O modo de produção capitalista, reestruturou as relações sociais e fortificou os laços com o território e o nacionalismo.

Assim, a partir do século XIX, com o ressurgimento da ciência geográfica na Alemanha, até a sua implementação como ciência escolar, transcorreu-se um longo trajeto. A importância da Geografia na formação das sociedades humanas é minimizada com a Geografia escolar, que geralmente é desprovida de significado, se atém as descrições da paisagem e na memorização das atividades econômicas de um país, sem, portanto, ir além das aparências.

Para que serve todo este conhecimento? Como Lacoste (1971) nos lembra, serve para reproduzir a sociedade e garantir que um saber estratégico, como o da Ciência Geográfica, fique nas mãos de alguns.

Em contradição a esta ideia, a Geografia Escolar tradicional tem maior ligação com às funções da memória do que propriamente de reflexão, o que gera o distanciamento do cidadão dos problemas da sua comunidade.

Diante disso, no esforço de desenvolver atividades que visem enriquecer a formação de professores dos anos iniciais, é que propomos a elaboração de um projeto de ensino com pesquisa para os acadêmicos do curso de Pedagogia da Unisul. A pesquisa visou entre outras coisas verificar a forma como a Geografia escolar acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica nas escolas de Tubarão - SC.

A metodologia aplicada para a pesquisa envolveu estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina e as escolas que são campo de estágio. Os estudantes, do 6º semestre, organizados em equipes aplicaram o questionário estruturado

com 8 questões mistas a 22 professores das Escolas. Após a coleta e a tabulação dos dados, houve um debate em sala de aula na qual as equipes de acadêmicos foram estimulados a tecer considerações sobre os resultados.

2. ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia aparece entre as disciplinas que compõem o currículo escolar, segundo Pereira (1999), como estratégia da burguesia “enquanto classe em ascensão, para conquistar a hegemonia, combatendo os privilégios do clero e dos senhores feudais” (PEREIRA, 1999, p. 24).

A Geografia, a História e a Língua Nacional, foram utilizadas para fortalecer o Estado Nacional e, por consequência, o movimento do capital na consolidação do território. A Geografia foi incluída nos currículos, então, por razões geopolíticas. (PEREIRA, 1999).

Como não poderia deixar de ser, a existência da ciência geográfica no espaço escolar segue as abordagens conceituais do seu tempo. Ora o conceito de paisagem era o mais importante, ora o de território. Entretanto, a partir da década de 1970, as discussões sobre a geografia crítica consolidaram o conceito de espaço geográfico como conceito-chave para a compreensão do mundo.

A geografia tornou-se a ciência do Espaço Geográfico. Este conceito foi entendido como resultado das relações sociais, identificado por Santos (1995), ao definir quatro categorias para análise do espaço. Uma delas é a *forma*, que determina o que é visível, a outra é a *função*, que indica a atividade esperada de uma forma, pessoa e, ou instituição, outra, ainda, é a *estrutura*, que reflete a inter-relação das partes de um todo; por último o *processo*, que implica na continuidade e na mudança dos fatos, ou seja, o tempo (SPOSITO, 2004, p. 89).

O espaço geográfico foi subdividido em espaço-tempo, espaço produzido e espaço representado, o que significa dizer que esse conceito-chave da Geografia se articula com a História, por meio do *espaço-tempo*, com as atividades econômicas, a produção da riqueza, por meio do *espaço produzido* e com a cartografia e mapas, por meio do *espaço representado*.

Diante dessas perspectivas, organizamos a pesquisa a fim de entender a abordagem que os professores utilizam ao ensinarmos conceitos da Geografia, partindo do pressuposto que o modelo escolhido pelo docente é um indicador da sua concepção de mundo. Para isso, optou-se por destacar duas concepções que representam as mudanças do pensamento geográfico dos últimos anos: a tradicional e a crítica. A concepção da *geografia tradicional*, forma mais comum de se ensinar a geografia em sala de aula, ainda está presente na maior parte das escolas brasileiras. Nessa concepção, aparece a visão de uma ciência geográfica neutra, a natureza aparece separada das condições sociais, concebendo os aspectos físicos como determinantes das ações humanas e não como fator que a influencia. Porém, a Geografia tradicional, em suas diversas versões, privilegiou alguns conceitos da ciência geográfica em detrimentos de outros.

O conceito de espaço não é o conceito-chave na Geografia tradicional, embora Friedrich Ratzel, um dos representantes dessa concepção, visse o espaço como indispensável para a vida do homem, seus seguidores passaram a vê-lo como determinante, iniciando a chamada “teoria determinista”. Segundo essa teoria, o espaço determinava as ações humanas.

Na concepção tradicional, todas as atividades que o professor desenvolvesse em sala levavam a exigência de memorização, distinguindo os aspectos físicos e humanos, como se não houvesse integração entre eles. Os saberes eram estanques e não refletiam a complexidade da sociedade atual. Essa concepção entrou em crise com o avanço do capitalismo principalmente, depois de 1970, quando a realidade passou a ser mais complexa. O global, interferindo no local demonstrou um grande desafio de análise para os geógrafos.

Diante disso, na década de 1970 surgiu a Geografia Crítica, com diferentes abordagens, integrando a complexidade do mundo, agora mais internacionalizado. A dinâmica de pensamento e de teorias tornou a Geografia em uma ciência que procura identificar as contradições das relações sociais e a compreensão da realidade.

Lacoste (1971) afirmou que a “*Geografia serve, antes de tudo, para fazer a guerra*”, referindo-se ao saber estratégico dessa ciência. A Geografia escola, entretanto, trata a ciência geográfica como desinteressante, priorizando a utilização da memória em detrimento da análise ou da compreensão.

Cavalcanti (1998) discutiu a concepção crítica, como a incorporação da análise marxista da sociedade. Entretanto, ressalta a autora, que as concepções crítica e tradicional adquiriram outras nuances:

[...] outras formulações marxistas e não-marxistas, ora elegendo o estudo do lugar como espaço subjetivo vivenciada pelo sujeito, ora o território como expressão de domínio de grupos de poder, provocando o fortalecimento da análise geopolítica na geografia, ora o espaço como poder, entre outros. (CAVALCANTI, 1998, p. 16).

Ressaltamos que a Geografia tem uma tarefa cada vez mais difícil de executar, que é compreender o espaço geográfico na sua complexidade. O complexo só pode ser compreendido por meio da análise conjunta dos fatos, conectando e articulando a Geografia com as diversas áreas do conhecimento.

Dessa forma, serve a pergunta: Como a Geografia deve ser abordada em sala de aula? Qualquer que seja a resposta ela deve ser subsidiada pela compreensão do percurso dessa ciência pela história e dos seus desafios para o futuro. Pereira (1999) afirmou que a descrição dos diferentes territórios e paisagens na superfície terrestre pela Geografia tradicional, fragmentava a realidade e privilegiava o natural em detrimento do humano.

O Espaço Geográfico foi considerado como algo fora da vida dos alunos, desprezando-os como seres históricos. Resende (1986) lembra que a geografia ensinada marginaliza o próprio aluno como sujeito do processo de conhecimento, transformando-o em objeto.

A Geografia, na perspectiva tradicional, subverte a Geografia Escolar. Os alunos são informados sobre os fatos, onde se distingue a Geografia Física da Geografia Humana, deixando de lado as relações sociais de produção, e a forma como o espaço é alterado e manipulado. Resende (1986) destacou que é preciso ensinar uma Geografia que considere o ser humano como sujeito, que não separe a natureza e a sociedade, perdendo, assim, a noção da totalidade.

Portanto, a Geografia é uma ciência de síntese e interdisciplinar na qual as análises precisam ser contextualizadas com outras áreas do conhecimento para que, realmente, haja compreensão da realidade. Oliva (2001) destaca que a Geografia, por intermédio de seu objeto de estudo, o espaço geográfico, deve oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla.

Isto exige mudança, no entanto há diversas barreiras para a maioria dos professores, com formação escolar fundamentada na concepção tradicional. Entretanto, destaca-se que é preciso refletir sobre o papel da escola na formação para a cidadania. Nessa abordagem, a Geografia contribui para a leitura de mundo, de forma dinâmica e contextualizada.

2.1 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada nas escolas públicas de Tubarão, onde ocorrem os estágios para a formação de professores da Universidade do Sul de Santa Catarina, principalmente, dos anos iniciais do ensino fundamental. O projeto foi apresentado durante as aulas de Fundamentos Metodológicos do Ensino de Geografia para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no Curso de Pedagogia, no segundo semestre de 2012. A Pesquisa foi realizada pelas acadêmicas, que em equipe, entrevistaram 22 professores, em sua maioria pedagogos.

Como primeiro questionamento, procuramos saber o tempo de trabalho desses professores. Percebemos que 84% atuam nessa profissão há mais de 10 anos, demonstrando certa experiência profissional. Sobre o regime de trabalho, 58% pertencem ao quadro de efetivos na escola, ou seja, são estatutários, enquanto 42% são celetistas, ou substitutos (ACT), como são chamados, alguns com experiência de mais de 10 anos nesse tipo de contratação (gráfico 1 e 2).



Gráfico 1: Tempo de atuação do professor. Fonte: pesquisa de campo.

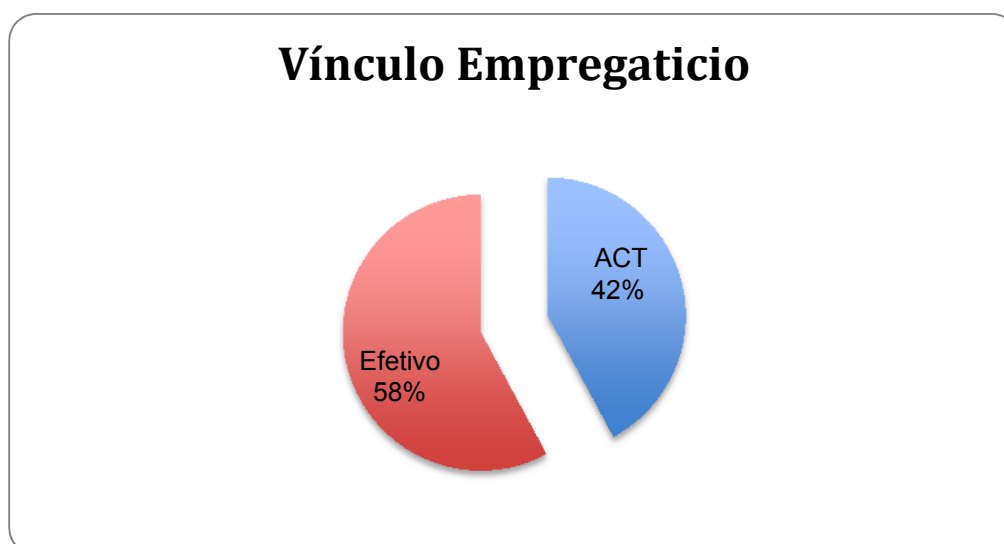


Gráfico 2: Vínculo empregatício do professor. Fonte: pesquisa de campo.

Quando questionados sobre quantas vezes por semana trabalham com geografia, 5% responderam que não trabalham, enquanto que para 53% as aulas de Geografia acontecem uma vez por semana (gráfico 3). Notamos que nas séries iniciais do ensino fundamental a carga-horária das aulas não segue o mesmo padrão das aulas dos anos finais do fundamental. Até porque se trata do mesmo professor com flexibilidade no

horário das aulas. O que aparece como fator preocupante é que, entre os respondentes que não trabalham Geografia, figuram professores do ciclo de alfabetização.

A realidade aponta exatamente este aspecto. O ciclo de alfabetização é estimulado a ignorar outras áreas do conhecimento e focar em Português e Matemática. Reforçamos que, nesse caso, além do desconhecimento do papel da Geografia na formação do cidadão, há o desconhecimento do processo de alfabetização e letramento, discutido por diversos autores, entre eles Paulo Freire.

O esforço de alfabetizar, sem letramento é muito árduo e com poucos resultados para a sociedade. Nesse caso, o conceito de alfabetização e letramento que adotamos é o de Soares (2004), “[...] Estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. (SOARES, 2004, p. 47).

Ainda na perspectiva de Soares (2004),

[...] alfabetizar e letrar como duas áreas distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, p. 47).

Portanto, entendemos que é fundamental alfabetizar letrando por meio do ensino de Geografia, partindo da realidade do entorno da escola, pois como disse Paulo Freire, a leitura das palavras precede a leitura de mundo.

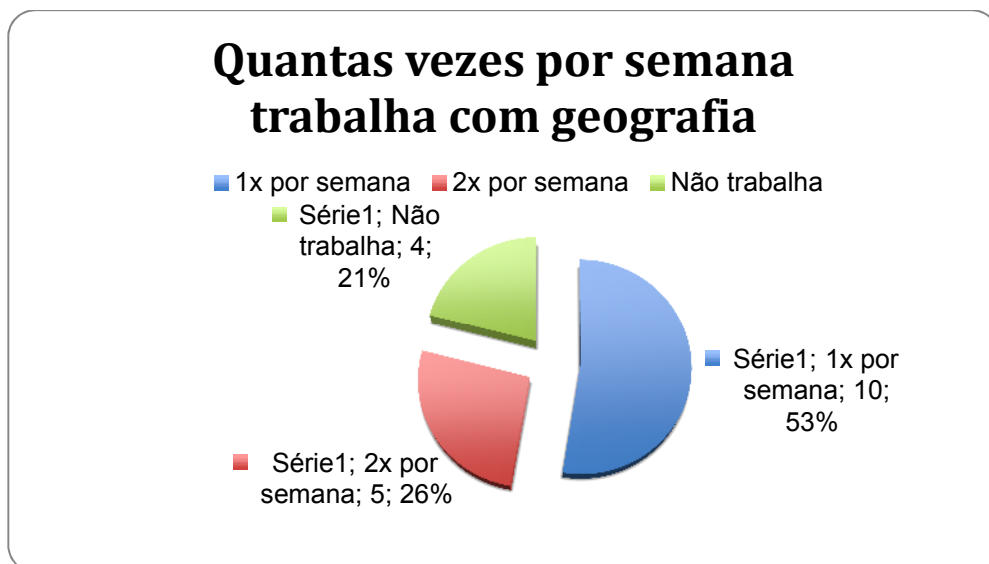


Gráfico 3: Quantas vezes por semana trabalha com Geografia. Fonte: pesquisa de campo.

O planejamento das aulas de Geografia (gráfico 4) revela um dado recorrente nas escolas nas quais adota-se livro ou apostila. Este material de apoio passa a ser o único material, passa a ser a própria aula. Assim, conforme o gráfico 4, o uso da apostila ou do livro didático é para 32% dos professores a única forma de planejamento, enquanto que para 20% as aulas, às vezes, são planejadas em casa. Se considerarmos que o livro didático é base para a organização das aulas, então o planejamento pode ser mais simplificado, pois os professores explicam, as crianças realizam as atividades propostas pelo livro didático e, em seguida, são avaliadas.

O planejamento das aulas de forma interdisciplinar só aparece nas respostas de 12% dos professores. Nota-se que o professor dos anos iniciais é, em muitos casos, o único professor da turma, cabe somente a ele a decisão de trabalhar de forma interdisciplinar.

No entanto, outro equívoco ocorre com o planejamento das aulas, de modo geral costuma-se planejar de forma individual, sem interação com os demais colegas. O trabalho pedagógico sempre foi considerado um trabalho isolado, desde o planejamento até a sua prática em sala de aula. No entanto, Perrenoud (2002) sugere a formação de grupo de análise de práticas pedagógicas, para acabar com o isolamento, para se integrar num grupo, dando oportunidade para o professor refletir com ajuda de seus colegas sobre sua ação pedagógica.

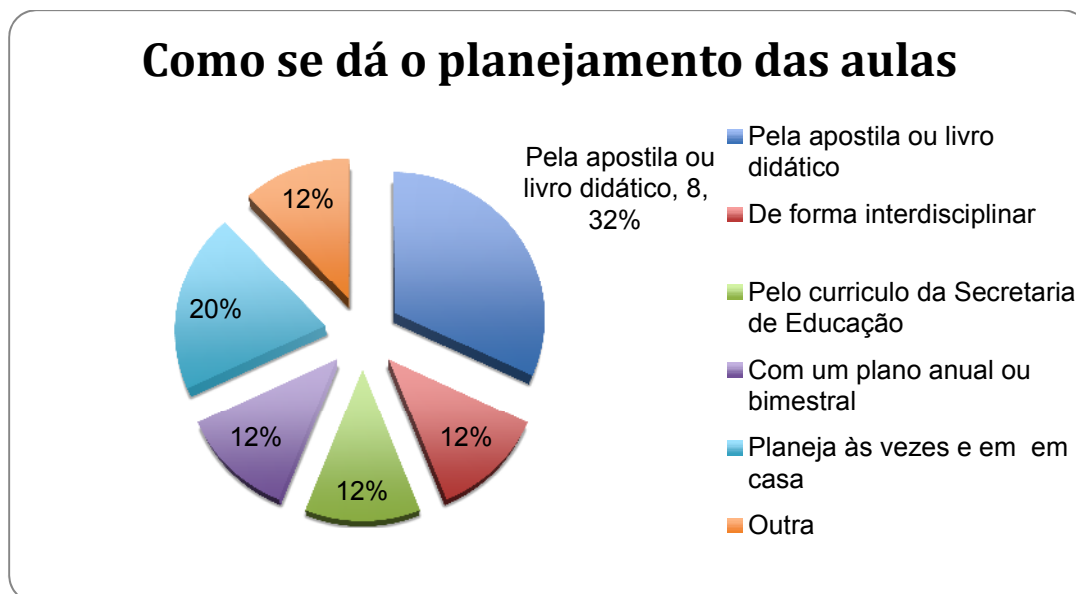


Gráfico 4: Como se dá o planejamento das aulas. Fonte: pesquisa de campo.

Na análise dos dados do gráfico 5, percebemos que predomina para 56% das aulas a estratégia expositiva. Essas aulas que foram planejadas de forma isolada, demonstram a grande dificuldade na superação da centralidade da aula no professor.

Nesse sentido, Braun (2005) afirma que é necessário uma educação que contribua com a formação de um cidadão ciente de seu papel da sociedade. A promoção da aprendizagem exige um conhecimento sobre as diferentes linguagens que promovam a construção do conhecimento. O foco tem que estar em como o aluno aprende (BRAUN, 2005).

A prática educativa, no Brasil, precisa ser interdisciplinar e aplicada para que o educando se aproxime da leitura da realidade e seja estimulado a ser crítico, com estratégias que envolvam o entorno da escola, que promovam a leitura do lugar, sem omissão das contradições, das tensões que a geografia tradicional realiza (VESENTINI, 2002).

Ainda hoje, a concepção *tradicional*, é a forma mais comum de se discutir a Geografia em sala de aula. Está presente na maior parte das escolas brasileiras. Nessa concepção, aparece a visão de uma ciência geográfica neutra, a natureza aparece separada das condições sociais, concebendo os aspectos físicos como determinantes das ações humanas e não como fator que influencia. Para a Geografia tradicional as estratégias de aula expositiva com o uso do livro didático é a mais utilizada para 60% dos professores (ver gráfico 5).

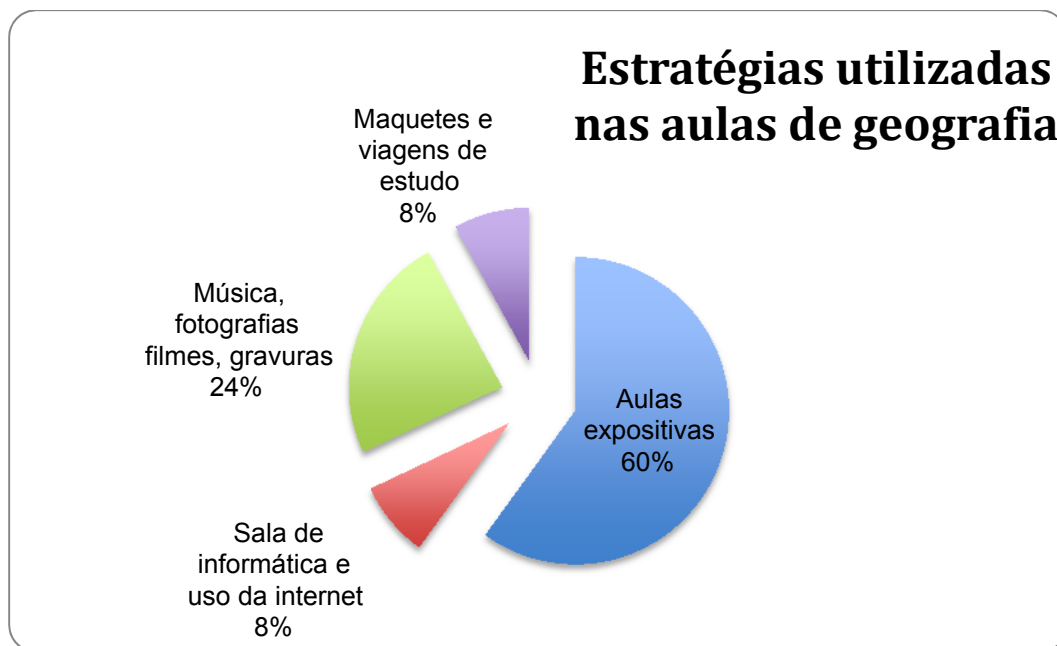


Gráfico 5: Estratégias utilizadas nas aulas de geografia. Fonte: pesquisa de campo.

Já quando questionados sobre a importância do ensino da geografia (gráfico 6), 52% responderam sobre o conceito de espaço e tempo e 24% para a ideia de localização do bairro e da cidade, entre outros. A resposta é condizente com o que se espera, num primeiro momento, para o ensino de geografia na sala de aula. Embora, para a contribuição do processo de letramento, discutido por Soares (2004), entre outros autores, fica comprometido.



Gráfico 6: Importância do Ensino de Geografia. Fonte: pesquisa de campo.

Ainda para entendermos como o ensino de Geografia ocorria de fato, perguntamos aos professores sobre organização do espaço físico da sala de aula. Sabemos que o espaço da sala diz muito sobre a sua concepção, embora possam ocorrer distorções.



Gráfico 7: Organização do espaço da sala de aula. Fonte: pesquisa de campo.

Nesse sentido, os dados do gráfico 7, apontam que 36% responderam que a sala de aula era organizada de forma normal. Acreditamos que o “normal” deve ser entendido como carteiras enfileiradas, com um olhando a nuca do outro colega. E assim como o professor, que planeja suas aulas de forma isolada, o estudante também irá aprender de forma isolada, sem troca. Aliás, a troca é altamente combatida, por ser considerada “bagunça” ou coisa do gênero. Somente 24% dos professores utilizam as carteiras organizadas em grupos e em círculo, estimulando a troca e o aprendizado no coletivo.

Considerando os dados apresentados acima, para a região da pesquisa, fazemos a seguinte reflexão:

- a. A maioria dos professores são efetivos nas escolas e possuem experiência, pois atuam na área há mais de 10 anos;

- b. Muitos (53%) ensinam Geografia uma vez por semana, no entanto, quase $\frac{1}{4}$ da amostra não apresenta a Ciência Geográfica nos primeiros anos do ensino fundamental;
- c. O livro didático é o principal instrumento de preparação das aulas para 32% dos entrevistados, quer dizer, $\frac{1}{3}$ dos professores, enquanto que outras fontes são abordadas, porém em menor escala;
- d. Já as aulas são planejadas praticamente, para serem realizadas no ambiente escolar, sentados em carteiras enfileiradas. A criança quase sempre fica no ambiente escolar, pois apenas 4% dos profissionais entrevistados se ausentam da sala de aula durante o ensino de Geografia! Assim, o aluno não reconhece o espaço em que atua e vive, ocorrendo uma desconexão entre o que se ensina e onde se vive.

Assim, atividades educativas envolvendo a Geografia, além de visitas monitoradas ao entorno da escola, deve ser uma ação a ser implementada nas escolas públicas de Tubarão

Considera-se que a metodologia de reconhecimento do espaço vivido pelo estudante deva ser uma prática constante na vida de professores comprometidos com o ensino de uma Geografia que construa cidadãos conscientes de seu espaço e responsáveis pelo seu tempo histórico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia se fundamenta como disciplina escolar seguindo a tendência educacional de cada época, por isso a concepção tradicional é a mais utilizada ainda hoje na sua reprodução em sala de aula. Isso faz com que a maioria dos alunos não perceba a real importância do conhecimento geográfico na sua formação e principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

Dessa forma, é fundamental para os professores refletir sobre o papel desta ciência na formação dos futuros cidadãos, articulando e atribuindo ao conhecimento geográfico significado para compreender a vida em sociedade.

Além disso, a utilização de projeto de ensino nas aulas proporciona ao aluno fazer parte do processo de ensino e de aprendizagem. Corremos menos risco da não-

aprendizagem como Vasconcellos (2002) nos lembra, pois não ficamos somente repassando informações e os alunos reproduzindo conhecimento.

O conceito de letramento é essencial para discutir o papel da Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental. Nessa fase, há diversas orientações contraditórias na qual o estudante só precisa saber sobre Português e Matemática. A desconsideração das demais disciplinas poderá gerar a aprendizagem da leitura e da escrita, mas não auxilia no cultivo e no exercício das práticas sociais que usam a escrita do estudante, que precisa ser estimulado ao longo da sua vida, ou seja, entendermos que a alfabetização para o mundo ocorre ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

BENKO, Georges. **Economia, Espaço e Globalização- na aurora do século XXI**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Hucitec. 1999.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais 1996** [Internet] [acesso 2002 set 20]. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/pcn.shtm>>. Acesso em: 03 Novembro 2012.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky. **Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo como uma linguagem no ensino da Geografia**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2005.

Perrenoud, Ph. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: Profissionalização e razão pedagógicas**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ciência geográfica e ensino de geografia**. In: Geografia, escola e construção do conhecimentos. Campinas, SP : Papirus, 1998a. p. 15-28.

CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. CALLAI, Helena. **Geografia em sala de aula**. Porto Alegre: UFRS. 1999.

CASTROGIOVANI, Antonio. **Ensino da geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação1999.

DAMIANI, Amélia Luisa. **A geografia e a construção da cidadania**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Orgs). **A geografia em sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GARCIA, Regina Leite (Org). **Novos olhares sobre a alfabetização**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KAERCHER, Nestor André. **A geografia é o nosso dia-a-dia**. In: CASTROGEOVANI, Antonio (Orgs). Geografia em Sala de aula: prática e reflexões. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 7ª ed. Trad. Maria Cecília França. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

NIDELCOFF, Maria Tereza. **Uma Escola Para o Povo**. 25ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.

OLIVA, J. T. **Ensino de Geografia: um retardo desnecessário**. In: CARLOS, A. F. A. A. (Org.). Geografia na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 34-49.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e. **Avaliação em alfabetização**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, set. 2005 . Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 16 Novembro 2012.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 3ª ed. Fpolis: Ed. UFSC, 1999.

RESENDE, M.S. **A Geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Loyola, 1989 (Coleção Educação Popular).

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 1995.

VESENTINI, J. W. **A formação do professor de Geografia – algumas reflexões**. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.). Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002, p. 235-240.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **A construção do conhecimento em sala de aula**. 14ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.